

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º 4 entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1177	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	10 de Setembro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



A JOCONDA — QUADRO DE LIONARDO DE VINCI, ROUBADO AGORA DO MUSEU DO LOUVRE
(De um desenho da coleção Goupil)

CHRONICA OCCIDENTAL

A eleição do primeiro presidente da Republica teve como consequencia immediata a deposição do governo provisório ou da ditadura revolucionaria.

O sr. dr. Manuel d'Arriaga tinha que nomear o primeiro governo constitucional, para o que consultou com varios vultos politicos, em demoradas conferencias, de que resultou convidar o sr. dr. Duarte Leite a formar ministerio. Não conseguiu o sr. dr. Duarte Leite organizar governo e a breve trecho depoz o encargo nas mãos do sr. presidente.

Tinham-se consumido tres dias com estas conferencias e tentativas de organizar o primeiro governo da Republica, quando o sr. dr. Manuel d'Arriaga chamou pelo telegrapho o sr. João Chagas que estava em Paris como ministro português naquella Republica. O sr. João Chagas chegou a Lisboa no dia 30 e logo teve uma curta conferencia com o sr. dr. Manuel d'Arriaga, indo depois conferenciar com alguns dos mais importantes politicos do bloco parlamentar e com o sr. dr. Affonso Costa, afim de bem se orientar da situação e tentar um governo conciliador.

Só depois de laboriosas conferencias com uns e outros é que de novo se apresentou ao sr. presidente da Republica e aceitou o encargo de formar ministerio.

A formação do ministerio ainda levou uns tres dias até que o supplemento ao *Diario do Governo* de 3 do corrente publicou oficialmente os nomes dos novos ministros, como segue:

Presidencia e Ministro do Interior — João Pinheiro Chagas.

Ministro da Justiça — Dr. Tavares de Mello Leote.

Ministro das Finanças — Dr. Duarte Leite.

Ministro da Guerra — General Pimenta de Castro.

Ministro da Marinha — Dr. João de Menezes.

Ministro das Colonias — Dr. Celestino d'Almeida.

Ministro dos Estrangeiros — Dr. Augusto de Vasconcellos.

Ministro do Fomento — Dr. Sidonio Paes.

Conseguiu o sr. João Chagas formar um governo quasi extra-parlamentar e sem nenhum dos membros do governo provisório, como era a intenção do sr. presidente da Republica que assim o havia declarado.

Não foi facil, como se vê, organizar o primeiro governo constitucional, e ainda que isso tenha feito a admiração de muita gente, não ha razão para espantos, dada a prematura divisão dos republicanos, que é dos livros, porque é da historia de todos os tempos e de todos os partidos.

E' prematura essa divisão, dissêmos, dizem-nos todos os imparciaes, disse-o o sr. João Chagas na sua entrevista com um redactor da *Capital*, mas não o entendem assim os republicanos exaltados e que tanto mal podem fazer ao país com as suas exaltações.

Ninguém melhor o diz que o proprio sr. João Chagas, no seu discurso de apresentação do governo ás côrtes, que registamos n'esta chronica, como documento historico em momento tão critico para o país, em que os inimigos do novo regimen estão mais dentro da propria Republica do que fóra.

«O governo que tem a honra de se apresentar hoje ao parlamento, é o primeiro organizado nos termos da Constituição da Republica Portuguesa, votada pela Assembléa Nacional Constituinte, que sancionou a revolução de outubro. O seu principal objectivo consiste em proseguir na obra iniciada pelos homens desinteressados e patriotas do Governo Provisorio, concorrendo para que a Republica seja o regimen da conciliação entre todos os portugueses sinceramente votados ao renascimento da Patria. Não é, pois, um governo de acção partidaria que se apresenta aos eleitos do povo, mas um governo que desejando manter a unidade republicana, procura executar, segundo a Constituição e conforme as determinações do parlamento as leis que constituem a base da organização democratica da sociedade portuguesa, segundo as exigencias modernas e as gloriosas tradições da sua historia.

Proclamando a supremacia do poder civil e affirmando o seu espirito anti-clerical — porque o clericalismo foi e continua sendo a feição politica

dos adversarios da Republica — o governo deve accentuar a forma de o realisar.

Esta affirmação define, pois, nitidamente, a parte do programma do governo no que se refere ás leis anti-congreganistas e da separação do Estado das egrejas. Mas a obra iniciada depois da revolução de outubro, foi muito complexa e abrange um vasto campo de acção; realisa-a integralmente constituiria, por si só, o programma não de um seu antecessor, que não inspirava propositos de hostilidade contra qualquer confissão religiosa porquanto considera inviolavel o principio da liberdade de consciencia. Não são os republicanos que confundem a religião com a politica; são os inimigos do novo regimen e da Patria, que pretendem manter esse criminoso equívoco para que se não effectue a pacificação moral que a democracia deseja ardentemente, mas de successivos ministerios. O governo estudal o-ha com a especial attenção que as suas responsabilidades exigem, acompanhando a sua discussão parlamentar, e preocupando-se principalmente em a conciliar com a situação do thesouro, o que poderá conseguir-se pela realisação das reformas promulgadas, de maneira a não ser affectado o principio basilar da reconstituição do credito do país — o equilibrio orçamental.

De facto, conservar e accrescer o credito financeiro é exigencia iniludivel da opinião nacional, anciosa por entrar num periodo de restauração economica.

Só assim poderemos inspirar ao povo português confiança nos seus destinos, e impôr e garantir á nossa nacionalidade o respeito que ella entende ser-lhe devido pela affirmação que fez da sua virilidade, pelo seu amor á liberdade e ao progresso e pelo seu empenho de definitivamente se integrar na obra da civilização.

Essa integração realisar-se-ha pela austeridade nos processos administrativos, pela justiça na applicação das leis, pelo severo cumprimento dos deveres civicos, pela sinceridade e pela correcção no trato internacional.

Aplicar, traduzindo em leis, gradualmente, o programma republicano, é realisar a democracia tornando-a extensiva, do campo politico ao campo economico, segundo a orientação dos povos de superior cultura na realisação de reformas sociaes, harmonicas com as condições do nosso meio.

As classes trabalhadoras entendem que as revoluções devem sempre traduzir-se por um augmento de bem estar; é preciso não as desiludir, procurando corresponder com boa fé ás suas legítimas esperanças.

Da cooperação d'essa classe, como de todas as que constituem a sociedade portuguesa, carece a Republica para viver e progredir. Por isso o governo invoca o patriotismo de todos, e conta com a benevolencia e o espirito de sacrificio dos seus concidadãos, na crença inabalavel de que uma era gloriosa ha de assignalar a generosidade dos intuitos que conduziram o povo á Revolução.

Para que possamos viver tranquillamente carecemos de assegurar a nossa defesa, a fim de que o regimen das nossas relações internacionais se estabeleça sobre uma base de dignidade reciproca.

O governo, vem a proposito dizel-o, não modifica as condições da politica externa de Portugal que até hoje se tem fundado na alliança com a nação inglesa.

Assim fica esboçada, nas suas linhas geraes, a orientação governativa inteiramente dependente, porém, da acção patriotica do parlamento e do partido republicano.

A força da Republica, o que a gerou, o que a realiso, por mais do que solidariedade foi a fé.

O povo português confiou na Republica, é preciso corresponder a essa confiança.

Depois d'isto, que mais pôde dizer a chronica, que não tem pretensões de politica e que simplesmente registra o que vae occorrendo?

JOÃO PRUDENCIO.

A Bella Joconda

O telegrapho, no seu laconismo, participou ao mundo, que no dia 23 de Agosto, pelo meio dia, desaparecera do Museu do Louvre esta maravilha das maravilhas da pintura.

Noticias posteriores acrescentavam, que próximo aquélla hora, dois operarios, passando no Salão Quadrado, um d'elles dissera para o companheiro: «Este quadro é o melhor do Museu.» Pouco depois dava-se pelo desaparecimento da preciosa pintura; mais tarde ainda apparecia a um canto de uma das escadas do Louvre, o vidro e a rica moldura, que encerrava aquella obra prima, devida ao pincel de Leonardo de Vinci, a qual tem constituido, atravez quatro séculos, o assombro de gerações de amadores de arte e o desespero dos artistas pintores, que jamais alcançaram produzir nada de comparavel.

O que era, afinal, esta maravilha da arte? um singelo retrato de uma dama, nada mais; o que constituia a sua espantosa notoriedade entre tanta soberba pintura que se tem produzido? o parecer o retrato ter singular vida psychica, que o genio de Leonardo lhe conseguira insuflar com os seus mágicos pinceis.

Entre a pleiade de extraordinarios artistas que floresceram na Italia durante a Renascença, architectos, esculptores, pintores e ornamentistas, Leonardo de Vinci constitue, com Raphael Santi e Miguel Angelo, um como triumviato dominador na Arte: assim, Buonarroti enthusiasma com as suas prodigiosas esculpturas do tumulo dos Médicis e o *Moyses*; é assombroso com os potentes frêscos da Capéla Sixtina e maravilha com o colossal zimborio de S. Pedro de Roma, de que o artista fez o modelo em relêvo.

Por seu lado, Raphael espalhava, como um pródigo, o seu genio pelas suas encantadoras *Madonas*, que são o orgulho dos principaes museus da Europa e enriquecia, auxiliado pela sua corte de celebres discipulos, as paredes das *Cameras* e das *Loggia* do Vaticano, com as suas deslumbrantes pinturas muraes.

Menos abundante n'esta especialidade, pois Leonardo de Vinci era um encyclopédico, deixou este artista assignadas algumas pinturas excepcionaes, das quaes, a *Ceia* e a *Monna Lisa* ou *Joconda*, são o neo-plus-ultra da pintura psychologica, tão grande é a vida expressiva que as personagens revelam.

A *Ceia*, o grande quadro mural do refeitório do convento de Santa Maria delle Grázies, está infelizmente muito deteriorado, quasi enegrecido de todo, mas restava a *Joconda*, quasi tão nova e tão fresca de côr, como quando o artista a produziu no principio do seculo xvi, e essa desaparece agora tambem; facto este que constitue uma enorme perda, não só para a França, mas para a humanidade intellectual de todo o mundo, que tinha n'aquelle quadro a prova do quanto pode alcançar de sublime o genio do homem; perda comparavel á que se daria se o ultimo exemplar da *Illiada*, da *Eneida* ou dos *Lusiadas* tivesse sido destruido.

Tivemos, em 1899, a boa fortuna de ser um dos que viram a *Joconda*; têmol-a bem presente na imaginação; nas poucas horas que nos foi dado estar no Louvre, lembra-nos bem que no Salão Quadrado, foi aquélla pintura uma das que nos chamou desde logo a attenção e fixámos o singular sorriso e olhar da retratada; continuámos depois a admirar outras soberbas pinturas de grandes mestres, mas dentro em pouco voltámos para junto da *Joconda*, absortos; pareciamos que aquele feiticheiro sorriso se accentuava mais n'aquelle formosissimo rosto; um sorriso de bondade? um sorriso de malicia? não se explica, mas era como se aquella linda figura se animasse e estivesse viva; quando sahiámos do Salão, tendo terminado o giro d'aquelle incomparavel mostuario de obras primas, ainda mais uma terceira vez viemos contemplar o estupendo retrato e glorificar *in-mente* o seu prodigioso auctor.

O Occidente apresenta n'este numero, aos seus leitores, uma cópia d'essa maravilha artistica, reproduzida de um primoroso desenho feito para a casa Goupil, mas o que pôde assegurar quem assigna estas despretenciosas linhas, e por que conhecêmos excellentes gravuras e boas photographias da *Joconda*, é que nenhum processo consegue reproduzir a extranha vida que dimana d'aquella gentil figura, que é um segredo do colorido da propria pintura, e que as reproduções a claro-escuro não conseguem apreender.

Esta reprodução patenteia, porém, a graciosidade da retratada; esta sobresahe n'um fundo longinquo de paisagem agreste com rochedos e rios, de um colorido pardacento, que auxilia a sobresaahir com muita arte o colorido da deliciosa figura.

Monna Lisa, esposa do milanês Francesco del Giocondo, um nobre e amigo de Leonardo de Vinci, é o nome da feliz retratada, que assim tambem se immortalisou, representa-se sentada quasi de perfil n'uma cadeira de braços, proxima a uma

varanda; as mãos deliciosamente modeladas cruzam-se uma sobre a outra naturalmente; um leve veu seguro ao penteado vendo-se um pouco na testa descahe e envolve um tanto o corpo do vestido da formosa patricia; a cabeça vê-se a tres quartos, quasi de frente, e o olhar fita directamente o observador, animado, como dissémos, pelo delicado e enigmático sorriso.

Para conseguir obter essa agradável expressão, conta Vasari, — artista e notável escriptor contemporâneo de Vinci, — na ocasião das poses do modelo, ouviam-se na sala musicas e varios comicos representavam, mantendo-se assim um meio de alegria propicio, para o artista surpreender no modelo a expressão phisionomica desejada.

Conta-se que Leonardo de Vinci trabalhara quatro annos a sua obra prima, o que não admira sabendo-se pelos seus biographos, que elle produzia as suas obras com o maior cuidado e amor, nunca se dando por satisfeito com o acabamento; n'esta extraordinaria pintura não se descobre vestigio de pincel, o rosto e mãos parecem de esmalte, a fusão das tintas e esfumados são um prodigio de technica — e hoje ao invéz, que tanto se preconizam os empastamentos, pelo que se vê que o segredo da pintura não está ali, — tal era esta obra prima, a maravilha do Louvre, rival da *Venus de Milo* do mesmo museu, e que constituia o orgulho de Paris e da França, que com muita razão lhe chamava sua, pois o rei Francisco I, grande amigo e admirador de Vinci, lhe pagara o quadro por 12:000 libras, somma enorme para a época.

O quadro da *Joconda* esteve algumas semanas no palacio de Fontainebleau, passando depois para o do Louvre, quando este palacio dos antigos reis de França foi, por decreto da Convenção, transformado em Museu Nacional, e ali esteve até ha poucos dias.

Hoje, onde parará o sublime retrato? estará na posse de algum maniaco que a occultas e egoistamente se extasia ante a *Joconda* em adoração?, ou existirá na posse de um vulgar gatuno, que julgue ter a fortuna feita, quando negocei na Europa ou na America, por forma a não ser conhecido, a celebre pintura tão universalmente divulgada?

Peior que tudo é se o possuidor, com o terror de ser descoberto pela policia, destroe a preciosa tabua, pela qual já se aventa que se oferece um milhão de francos de alviçaras e a impunidade ao auctor do roubo.

Que a incomparavel *Joconda* regresse ao Salão Quadrado, onde era o astro de primeira grandeza, a encontrar ainda outras muitas gerações de entusiasticos admiradores, é o voto que fazem todos que lamentam a perda da maravilhosa joia, produzida por um dos maiores génios da Renascença.

RIBIKIRO CHRISTINO.

O dr. Manuel d'Arriaga

1.º Presidente da Republica Portuguesa

«E' o poder o pincaro de um monte
«A que se vai por empinada senda.
«Quem a pôde vingar sem que se curve?
«Poucos, bem poucos!...»

RAMOS COELHO — Obras poeticas.

Ao numero dos poucos, de absoluta limpidez de character, de formosa intelligencia e de bondade modelar pertence o fayalense modesto e carinhoso, que a reunião decisiva de 121 votos elevou á primeira magistratura d'este paiz.

A elle posso applicar sem receio de que me acoimem de exagerado, estas palavras de Guizot, em referencia ao que foi primeiro presidente e primeiro cidadão do mundo americano (*Histoire de Washington et de la fondation de la République des Etats-Unis*, par Cornelis de Witt):

«Espectaculo tão bello e não menos salutar que o de um homem digno, ás mãos com a adversidade, é o d'aquelle, digno também, que se acha á frente de uma causa boa e lhe assegura o triumpho.»

Boa é a causa, a causa da Revolução de 5 d'outubro de 1910, que entra na categoria das assim definidas pela penna de Lamartine (*Historia da Revolução de França de 1848*, versão do original):

«Se as revoluções, porém, são a consequencia d'uma idéa moral, d'uma razão, d'uma logica,

d'um sentimento, d'uma aspiração, embora cega e surda, mas tendente a qualquer melhora de governo ou de sociedade; d'uma anciedade de desenvolvimento e perfeição das relações existentes entre os cidadãos, ou da nação propria com as outras nações; se ellas provém d'um pensamento elevado, em vez d'uma paixão abjecta; taes revoluções attestam, até em suas proprias catastrophes e desvarios transitorios, uma seiva, um vigor, e uma vida, que promettem longos e gloriosos periodos de augmento para as raças.»

Assegura o triumpho?

Respondo com isto, de Lanfrey (*Études et portraits politiques*):

«O campo aberto ás combinações da actividade e da liberdade humanas é infinito, e só os tempos de servidão aceitam o fatalismo tanto na historia quanto no espirito. A acção dos grandes caracteres é por vezes tal, de facto, que gerações inteiras se deixam impressionar de certo modo pela physionomia de um só homem.»

Em democracias, d'aqui pôdem derivar perigos para os povos, e este motivo me fez desejar uma Republica sem presidente e com uma camara unica, desejo este que manifestei em dois artigos de imprensa, um dos quaes dado a lume ainda no mez d'outubro do anno preterito e o outro em junho ultimo; «mas, havendo um presidente, devo acrescentar com Antonio José d'Almeida, em primoroso desabafo scintillante, ninguem mais competente que o Arriaga para desempenhar as altas funções d'este cargo.» (*Republica*, n.º 222).

Este homem, esta nobre e sympathica figura de homem, advogado constante dos humildes, defensor dos opprimidos, apostolo convicto do Direito e da Justiça, esta alma de homem sedenta de luz, inspira confiança, realenta a patria, attrai a si, assegurará o triumpho á Revolução e á Republica!

São d'elle estas phrases intimas, escriptas de Coimbra em 5 de dezembro, phrases de typica sinceridade que imprimem character e revelam modalidade psychologica individual do mais fino quilate:

«Creia que me abatem o animo e a vontade as excessivas benevolencias que alguns jornaes, o publico em geral e os amigos em particular, tem tido para comigo!

Sinto-me vexado, opprimido, e com magua sincera de as não merecer!»

Eis o retrato perfeito e completo, a assonancia moral posta a descoberto, um eleito á prova de raça!

Raça humana, iriada no sonhar mais puro, — a Democracia, emancipada no ideal mais bello, — a Liberdade, surpreendida e consagrada no intuito mais generoso, — a Paz, a Harmonia, a Ordem! raça de eleito, em quem a Natureza, no dia historico de 24 d'Agosto de 1911, quiz entornar a jorras a luz esplendida de um sol vivificante como que a agradecer-lhe os carmes delicados:

*O sol dos ceus dedita,
Com seus subtilisfulgores,
Tão cheios d'alegria,
A eterna symphonia.
Das fórmis e das côres!...*

(MAMUEL D'ARRIAGA, *Irradiações*.)

Em 1866, não longe do berço, por minha parte, encontrámo-nos sobre as ondas, no rumo dos Açores.

A' Graciosa, graciosa deveras, eu ia, creança, e elle a S. Miguel, pujante de talento, laureado na Faculdade de Direito, delicias dos passageiros pelo seu todo captivante, pela vibração communicativa da sua poesia arrebatadora!

Mais tarde, viu-o no lycêu de Lisboa; falou-me a seu respeito, em Anadia, o fallecido conservador d'aquella comarca, dr. José Augusto Salgado; ouvi-lhe a palavra, em côrtes, como deputado narrando o caso do triumpho, justo, de um parisiense aggravado, sobre a respectiva municipalidade, injusta e vencida; por mais de uma vez referiu em minha presença o finado insigne jurisconsulto Dias Ferreira, desvanecidamente, que de suas prelecções como lente da Universidade resultara entre outros o «distincto democrata Manuel d'Arriaga» e hoje, na hora actualissima, depara-se-me guindado á altura primacial, entre nós, ao nivel das summidades mundiaes, pela investidura de chefe de Estado, no quadro da politica dominante!

Mais do que nunca é carecido o paiz do extremo occidental da Europa, de um refluir de von-

tades em plena identificação de civismo patriótico, de um calmo serenar de paixões irrequietaes, de um fiel de balança, de equilibrio estavel!

Isto, e só isto, se nos impõe no momento que perpassa, ponderoso, grave, transformador!

A «vida nova, em que muitos bordaram discursos vãos, compete ao esforço viril e honesto dos presentes, cabe-nos em nome da Patria; como demonstração legitima de verdadeiro pun-donor, como authentica prova de avanço do progresso nas genuinas conquistas de hodierna civilização!

Facilitemos ao nosso primeiro magistrado o normal desempenho da elevada missão politica.

Importa que todos se despreocupem de interesses pessoais e de partidariosismos, com frequencia problematicos na definitiva expressão philosophica e no fundamento invocado, e importa, principalmente, porque a situação portugueza reclama a congregação de elementos válidos em torno da Constituição, incipiente, e sacrificio voluntario de propositos particulares ao supremo proposito, á soberana causa, — a nossa autonomia como povo que tem razão de existir, a Independencia Nacional!

E a ti, Manuel d'Arriaga, o que hei de mais dizer, muito á puridade?

No tristissimo lance da minha vida, em que ao teu escriptorio fui lér um adeus de maxima dôr á minha filha, morta, confundiram-se as nossas lagrimas quando, ao terminar a leitura, tu, coração terno de pae estremoso, levantaste-te da cadeira que occupavas, e, em silencio, depuzeste na minha face um beijo acariciador.

Devolvo esse beijo aos labios paternaes do amigo venerando, do ancião prestimoso, e devolvo-o com o cordeal abraço do affecto não fingido, com o entusiastico anhelito de que os quatro annos presidenciaes que ora começam a decorrer, sejam assignalados para todo sempre no registo da Patria Portugueza e nos conceitos do mundo culto, por padrões gloriosos de victoria intellectual e por marcos indeleveis de civismo incontestavel.

Tal é o incenso queimado no thuribulo da minha consciencia: tal seja, no porvir, a respeitosa homenagem da Historia para devida sancção de remota posteridade!

Agosto, 27 de 1911.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

O incendio das fabricas de cortiça no Caramujo

O Caramujo é um logar no concelho de Almada, á margem sul do Tejo, na bacia que este forma em frente de Lisboa e conhecida pelo nome de Alfeite.

E' logar onde se exerce em larga escala a industria corticeira, estando ali estabelecidas muitas fabricas com uma população não inferior a 2:000 operarios corticeiros.

A industria corticeira é uma das mais nativas do país, que para a alimentar tem a primeira materia prima; mas pela mais incompreensivel das contradicções, é esta industria a que tem atravessado maiores crises entre nós, não pela falta de materia prima, que abunda, mas por faltas de trabalho ou de remuneração sufficiente do mesmo.

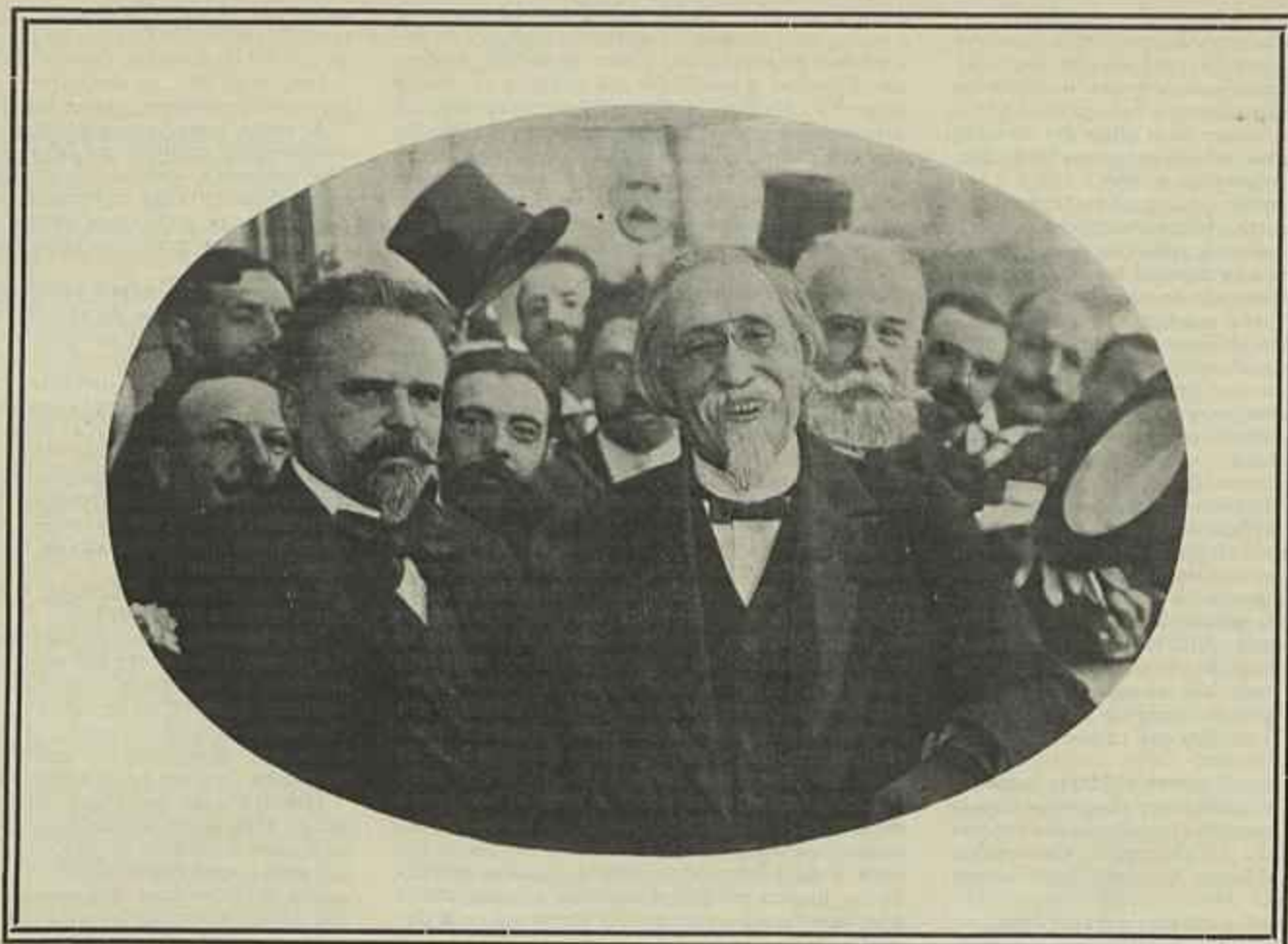
Entretanto a cortiça tem largo consumo mundial, por suas varias applicações, um consumo quasi tão importante como o da borracha, e o nosso país é o maior produtor e exportador desta materia.

Estamos assim em presença de um problema economico por estudar, como tantos outros em nosso país, e cuja solução só se poderá encontrar no desenvolvimento do trabalho nacional para o que são precisos capitães e saber profissional.

Emquanto não se conseguir este desideratum a nossa industria corticeira será apenas uma industria rudimentar de exportação para o estrangeiro por um valor minimo, e que nos é devolvida depois de manufacturada, nas suas diferentes applicações, por valor muito maior.

Em resumo, é uma mina portugueza em que os portuguezes só auferem o trabalho do mineiro!

A ignorancia faz desconhecer as riquezas do trabalho, e como a maioria do capital está em mãos de ignorantes, é claro que se retrai para as industrias e procura na agiotagem ou no jogo das bolsas o rendimento de que precisa para não se desvalorizar.



O PRESIDENTE DA REPUBLICA SR. DR. MANUEL DE ARRIAGA ACOMPANHADO PELOS SRS. PRESIDENTE DO CONGRESSO, MINISTRO DO INTERIOR, GOVERNADOR CIVIL, ETC., NA VARANDA DO PARLAMENTO AGRADECENDO AS ACLAMAÇÕES DO POVO, DEPOIS DA ELEIÇÃO

Isto é assaz primitivo, mas é, infelizmente, assim entre nós.

Este é o estado das indústrias em Portugal, incluindo a indústria Mãe — a Agricultura. Como se vê nem as indústrias que mais razão tem de existência no país, como a corticeira, escapam á regra geral, e bem pelo contrario é esta que, nos ultimos tempos, nestes tempos de grêves, que es-

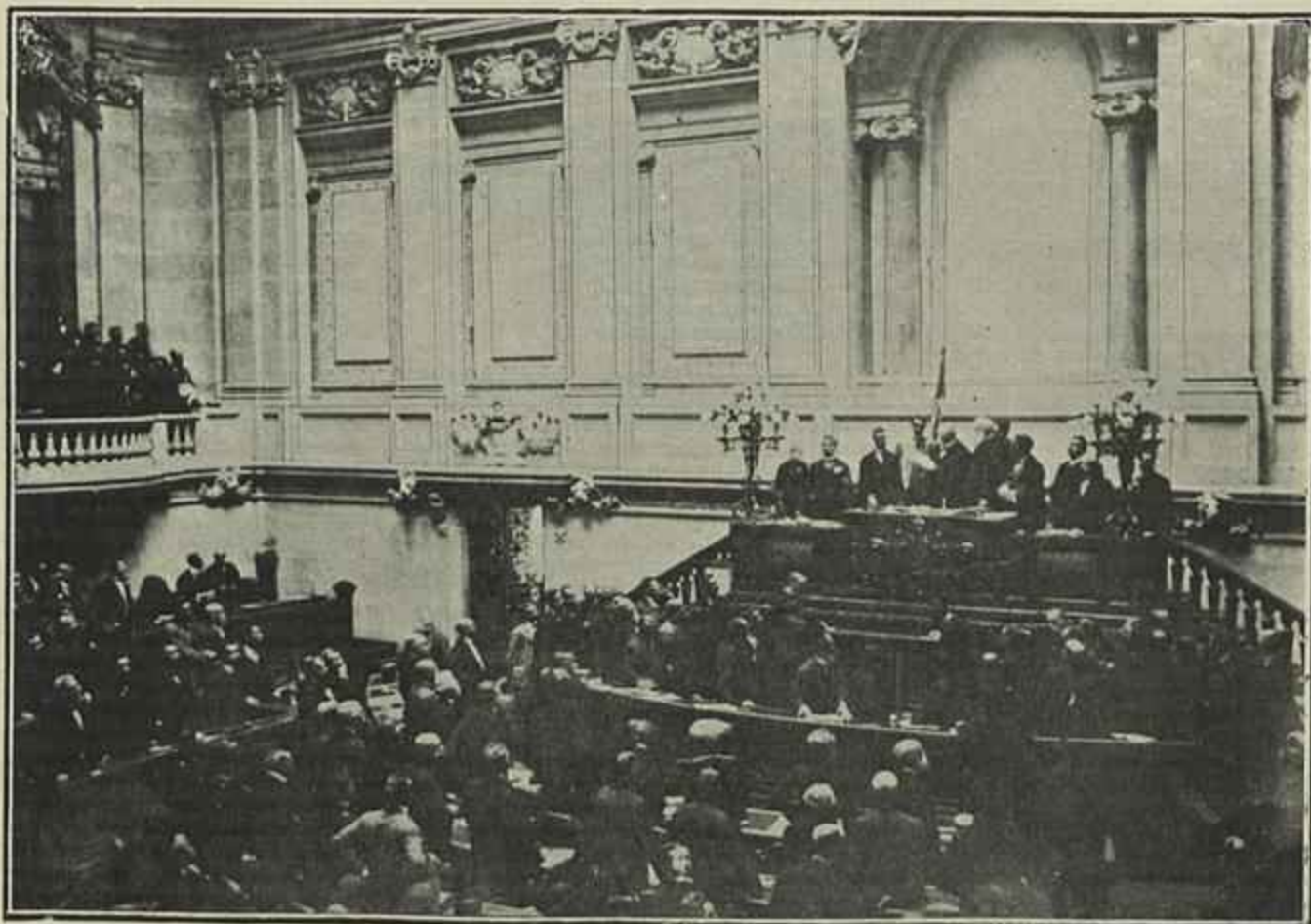
tão sendo o pão nosso de cada dia, mais grêves tem levantado.

A ultima deu-se a meio do mez passado em consequencia de uma fabrica, a dos srs. Vilarinho & Sobrinho e de que é tambem proprietario o sr. conde de Silves, fechar por falta de trabalho.

Os proprietarios desta fabrica annunciaram com anticipação aos seus operarios que a fecha-

vam, prevenindo-os ainda para procurarem trabalho noutras fabricas, mas estas não os puderam admitir, por terem pouco trabalho tambem pois só funcionavam cinco dias em cada semana.

Os operarios da fabrica Vilarinho & Sobrinho, na prespetiva de não terem trabalho, entenderam que o melhor era declararem-se em greve, o que fizeram na vespera do dia da fabrica fechar, im-



NA PRESIDENCIA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUENTE O SR. DR. MANUEL DE ARRIAGA LENDO O COMPROMISSO
(Clichés Benoliel)



O INCENDIO NO CARAMUJO — RUINAS DAS FABRICAS INCENDIADAS

pedindo até que os proprietários embarcassem uma porção grande de fardos de cortiça em quadros.

A Associação dos Corticeiros da localidade, que tinha intervido para resolver a situação, vendo que não conseguia obter trabalho nas outras fabricas para os operarios desempregados, deixou a estes a liberdade de procederem como entendessem, o que deu em resultado declarar-se a greve de todos os corticeiros de Almada, realizando estes um comicio na Cova da Piedade, insistindo pela admissão dos operarios sem

trabalho, nas outras fabricas, isto imposto como *ultimatum*.

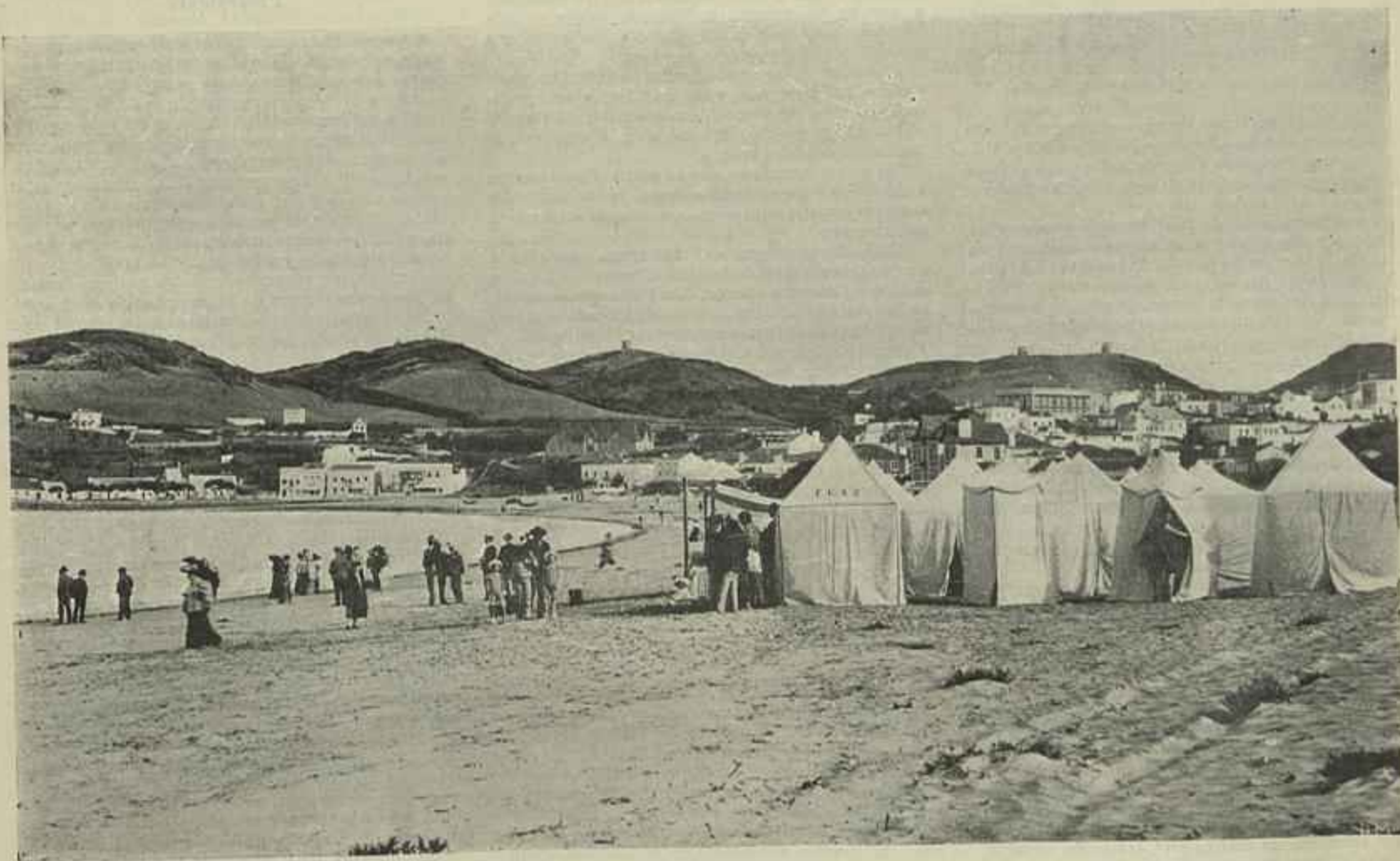
Depois de algumas conferencias com os fabricantes e operarios por intermedio do sr. Governador Civil, conferencias sem resultado satisfatorio para os operarios, estes que se conservavam em comicio, sob a presidencia do operario Bartholomeu Constantino, dispersaram, não sem ter havido acaloradas discussões, terminando a reunião cerca das 7 horas da tarde.

Hora e meia depois rompia um pavoroso incendio na fabrica dos srs. Vilarinho & Sobrinho,

ateado por varios pontos do edificio, pondo em alarme toda a povoação.

Dos pontos altos de Lisboa e da margem do Tejo foi logo visto o grande incendio, tratando-se imediatamente de enviar socorros assim como do Barreiro e de alguns navios de guerra. Os socorros que primeiro chegaram foram os dos bombeiros voluntarios de Cacilhas com duas bombas e carro de ambulancias, mas, desgradamente, mãos criminosas cortaram as mangueiras, inutilizando o seu auxilio pronto.

O incendio cada vez mais se desenvolvia e não

A PRAIA DE BANHOS DE S. MARTINHO DO PORTO
(Clichés da «Mala da Europa»)

foi sem um trabalho estenuante que se conseguiu localisá-lo quanto possível numa área de 10.000 metros quadrados, compreendendo a fábrica e barracões de depósitos e algumas casas de habitação.

Um horror!

Pela madrugada foram presos como suspeitos dez operários dos considerados agitadores, incluindo Bartolomeu Constantino, os quaes deram entrada na cadeia de Almada, onde se tem conservado, em consequência dos operários corticeiros se oporem obstinadamente a que os presos sejam removidos para Lisboa.

Os presos negam em absoluto que tivessem intervenido no incendio, alegando que á hora que elle se declarou, estavam em suas casas com a familia.

A greve continua sem solução.



S. Martinho do Porto

Na nossa provincia da Estremadura, concelho e comarca de Alcobaça, e districto de Leiria, está a villa de S. Martinho do Porto, afamada por sua magnifica praia de banhos, uma das melhores do país, que nesta época atrae grande quantidade de banhistas.

A villa é antiga e deu-lhe foral D. Frei Estevão, geral do convento de Alcobaça a cujos domínios deste convento pertencia.

Como estação balnear, é das mais importantes, o que muito a tem valorizado, concorrendo para o desenvolvimento do seu commercio.

E' servida pelo caminho de ferro da linha de Lisboa á Figueira da Foz, com estação na villa, o que facilita aos banhistas o frequentarem esta excelente estação balnear.



No incendio do Caramujo

Odysséia d'uma cabeça de Baccho

Bella escultura da jovem e talentosa artista sr.^a D. Christina Caldas Villarinho

A MINHA IRMÃ HERMINIA

Eu tive a revelação do extraordinario talento artistico da sr.^a D. Christina Pereira Caldas Villarinho por um gesso valiosissimo — uma cabeça de Baccho, que executou com admiravel felicidade.

A minha curiosidade foi descobri-lo sobre uma columnata de madeira, ao canto d'uma sala da casa de habitação da familia da jovem escultora, no Caramujo (Almada). Achei-o uma perfeita e persuasiva encarnação do deus-estroina, admiravelmente modelado, com uma bem nitida expressão intencional de ironia bohemica e riso alvar nos labios. A contracção do rictus fez-me ouvir-lhe a eterna canção selvagem, mas verdadeira, da volúpia, do amor natural, da embriaguez do goso que faz esquecer torturas, florindo em lagrimas e faz adormecer a Dôr, velando chagas que já mais hão de ter cura. Para ali estava sósinho a rir, muito philosophicamente, quasi ás escuras, como um bebado vulgar a qualquer esquina. Afinal, o que elle acabára de ouvir eram coisas simples: *la jeunesse qui s'amuse jouant la musique, causant sur choses du coeur...*

E quanto mais eu pretendia decifrar e justificar o seu eterno riso, recordando o biblico Noé, um dos reis de França e tantos bebados celebres, mais elle ria e ria talvez da minha sincera admiração pelo seu vigor physico, pelo seu descaramento e pela sua singular belleza.

Depois d'isso, nunca mais o vi e, só ao ter conhecimento de cada nova creação artistica da sr.^a D. Christina Villarinho, se me representava na imaginação aquelle formoso Baccho, branco de tanto rir e quasi sem forças para rir mais.

Ha dias, porém, fui surpreendido pela noticia do grande incendio que devorou algumas fabricas e armazens de cortiça no Caramujo (Almada) e, entre ellas, a do sr. conde de Silves, tio da distincta escultora a que me refiro. Corri immediatamente, dominado pela ideia de prestar algum

serviço á familia d'aquelle titular que eu tenho em tanta estima como a minha propria familia.

Depois de longos momentos de pavor, ponde a mobilia da casa ser retirada para um jardim fronteiro e, ali, guardada por militares que eu conseguí obter.

Já manhã, quando o incendio pudéra ser dominado, fui ver o definitivo estado a que as chamas haviam reduzido 11.000 metros quadrados de terreno edificado.

Uma desolação! Paredes nuas, como caveiras boquiabertas, a quererem dizer palavras de solemne protesto!... A realidade da Destruição!

E fui por ali adeante, fazendo commentarios perante a minha consciencia. No jardim, não era possível imaginar qualquer tentativa de roubo ou destruição, mas fui remirando sempre as trouxas de roupa, os moveis e *bibelots* soltos.

De repente, os meus olhos tiveram a impressão inesperada e forte de uma extranha imagem. Fiquei aturrido. Tive mesmo um gesto de repulção instintiva, que poderia ter sido traduzida n'um pontapé violento e destruidor. Tal era o contraste entre essa exquisita imagem e os commentarios sérios que eu fazia perante a minha consciencia. Uma gargalhada á beira d'um cadaver ou uma canção lasciva á passagem d'um enterro, seriam coisas menos hereticas e repulsivas.

Finalmente, por uma rapida associação d'ideias, caí na realidade da situação e... tive vontade de rir. Pois que era essa imagem extranha?!

— Nada mais, nada menos, do que a cabeça de Baccho — aquella cara de incorrigivel bohemio, a persuasiva encarnação do Deus-estroina, a rir, a rir como um doido, de nariz para o ar, entre um vaso de flores e uma volumosa trouxa de roupa!

— O' diabo! — increpei eu mentalmente —, tu não tens vergonha de estar assim a rir tão desalmadamente, sobre tanta ruína, tanto pavor, e tanta lagrima?! E' lá toleravel esse teu descaramento?! De que te ris, finalmente?

Feliz pobre diabo! Eu sei do que era. Elle encontrava graça ao grande contraste da sua vida. Passaram as finas mãos d'uma jovem artista sobre um bloco de gesso e a nova edição d'um deus ha muito esquecido surgiu para a vida feliz de ser acariciado com ternura, com o amor de quem ali quiz pôr toda a poesia deliciosa da sua bella alma, todo o perfume da mocidade que ri e salta, ignorando os dramas horrorosos que vão na consciencia dos que passam. Ao sentir o rumor tragico do incendio que se lhe aproximava, é provavel que tivesse sentido a terrivel soledade a que se via votado, maldizendo talvez aquella bondosa mão que, n'uma caricia, lhe insufflou a poesia da vida, a alegria de viver.

Vendo-se salvo e n'aquella posição, de nariz para o ar, entre um vaso de flores e uma volumosa trouxa de roupa, vendo enfim que triumphára da destruição, desatou a rir, n'uma gargalhada muito philosophica.

Foi n'este momento que os meus olhos tiveram a impressão inesperada e forte da sua extranha imagem e a voz da minha consciencia o increpou asperamente.

Ah! coitado; bem sei! Ha tanta gargalhada que encobre rumor de lagrimas, tanto quem cante para o não verem chorar, tanta dôr que se manifesta cantando, tanta magua disfarçada em sorrisos, tanta desgraça a apparentar felicidade!... Talvez que elle procure o Esquecimento, rindo para se illudir, illudindo os outros! Quantas vezes a boca e os olhos riem sobre uma chaga escondida no coração! E' o segredo das destruições precoces. E' a explicação de todos os suicídios. Mas... — Baccho amigo! Ri. A vida são dois dias. E uma gargalhada alvar sobre um desespero eterno, ainda consegue illudir a Magua, cristalizar a Dôr e fazer adormecer a gente á porta do Impossivel!

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.



A PESTE

(Continuado do numero antecedente)

Diagnosticco

Conhecida a etiologia, podemos indicar meios seguros de diagnosticar a peste.

A. *Diagnosticco no homem* — a) *Fôrma bubonica*. — E' preciso recordar que os bacillos desaparecem dos bubões com a suppuração franca. Escolhe-se um bubão não aberto, aseptisa-se a pelle, aspira-se o succo por meio de uma seringa

esterilizada. Com este liquido pôde fazer se tres operações:

1.º Um *exame microscopico* que indica a quantidade de bacillos caracteristicos;

2.º Uma *cultura* se o exame microscopico foi negativo e depois de feita inoculada;

3.º Uma *inoculação* em *rato* ou *cobaya* (metido em caixa fechada com rede de arame). Rapa-se o pello e cobre-se de succo ou inocula-se debaixo da pelle (cobaya). Dentro em algumas horas localisa-se um edema. Depois os ganglios tumefazem se (bubão).

No fim de vinte e quatro horas o animal cae com crises convulsivas. A morte dá-se em dois a cinco dias. Na autopsia: edema rosado local em volta do ganglio proximo tumefacto, congestão generalizada; baço hypertrophiado com tuberculos similares; alguma serosidade na pleura e peritoneu; numerosos bacillos no sangue, figado, baço e ganglios.

E' a inoculação que dá a certeza do diagnosticco.

b) *Fôrma pulmonar*. — Examina-se os escarros ao microscopio e faz-se a inoculação na cobaya, que não é sensível ao pneumococo. A pneumonia pestosa não tem symptoma caracteristico. O diagnosticco differencial impõe-se.

c) *Fôrma septicemica*. — Tira-se das veias da curva do braço com uma seringa esterilizada 30 centímetros cubicos de sangue e inocula-se cobayas ou ratos.

B. *Diagnosticco no rato*. — Enchugar o baço ou os ganglios e examinal os. Examinar o sangue que contém sempre bacillos. Inocular depois como no homem.

Tratamento

Fôram numerosas, na Edade Média, as substancias reputadas como dotadas de propriedades curativas. E' desnecessario dizer que nada resta d'esta pharmacopea.

Alguns santos tiveram therapeutica extraordinaria. Citaremos agora S. Roque debaixo do ponto de vista prophylatico; as suas estatuas tinham tambem o poder de curar. Além da medicação symptomatica (tratamento geral, tratamento cirurgico dos bubões), apenas ha um unico remedio contra a peste: o *sero antipestoso*.

Este sero provém do cavallo por meio d'um processo especial.

Debaixo do ponto de vista da medicina practica humana, os resultados são muito animadores, mas só para a peste bubonica.

Prophylaxia

O terror bem justificado que inspirara a peste na edade média, devia naturalmente fazer despertar superstições as mais extraordinarias sobre os meios de se preservarem do mal.

A *juga* era o melhor meio, quando era possível. Administravam-se pilulas feitas com tres adverbios: fugir *rapidamente*, ir *para longe*, voltar *tarde*. Os proprios medicos tomavam estas pilulas sem que isso parecesse um acto de cobardia, a experiencia prova que qualquer medico de pestifero estava condemnado á morte sem a menor utilidade profissional. Só mais tarde foi censurado este procedimento dos medicos quando se praticaram actos de extraordinaria dedicação.

As substancias preservadoras eram numerosas. A raiz de angelica durante muito tempo teve reputação.

Havia tambem medalhas preservadoras compostas de metaes efficazes, representando assumptos allegoricos apropriados. Um conjunto de cousas que queriam ser scientificas e não passavam de extravagantes superstições! A mais instructiva d'estas medalhas — amuletos existe no museu de Lyão. A medalha de Paracelso era de cobre vermelho recoberto de mercurio.

Entre os santos: S. Carlos Burromeu e S. Roque tinham fama d'um poder preservativo incontestado. E' conhecida a legenda de S. Roque e o cão. Teve duas vezes a peste e morreu do segundo ataque. A devoção a S. Roque foi universal. Em 1845 os venezianos dezimados pela peste, fizeram com que viesse de Montpellier o corpo do santo para o passearem pela cidade. E' incalculavel o numero de capellas erigidas a S. Roque, todas com o fim de preservar da peste. Fôram innumeras, na mesma occasião, as imagens de S. Roque collocadas nos quartos. Em geral, estas imagens tinham um bubão ou um signal qualquer que recordava a peste. No museu de Bâle uma imagem feita por Yves Strizel representa S. Roque mostrando um bubão a uma criança. O bubão pestoso tem, portanto, a sua historia artistica, graças a S. Roque.

(Continúa.)

S. A.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1175)

«Segundo os meus calculos, devia existir ainda um homem vivo no ponto mais baixo da casa, mas a sua presença e fidelidade pouco cuidado me dava.

«Os outros homens com quem tínhamos lutado, vendo que até agora a fortuna estava da nossa parte, serviam-nos fielmente. Assim ao menos, pude dizer aos meus companheiros quando sentados em volta da meza do salão, combinávamos os planos de defeza:

— «Vão servir-nos, quando virem que somos nós que ganhamos. Mettemol-os na casa das machinas onde para sua conveniencia cuidarão das fornalhas. Ao mais pequeno signal de traição, mate-os a tiro, capitão Nepeen, pois precisamos de um homem como o senhor e mais três da sua força para guardar a porta pequena do recife... Para isso defenderemos a parte mais proxima do mar encobertos com as rochas. Se Czerny consegue pôr ali os pés e se assenhoreia da porta, escusado será dizer o que succederá a todos. Vou deixar dois homens no alto da escada e outros dois n'este salão ao alcance da voz de miss Ruth. Peter e Dolly Venn veem commigo até cá acima para manobrar a metralhadora. Se os inimigos nos assaltarem ali, ainda que fossemos vinte, não os poderíamos derrotar a tiro de espingarda, mas conto com a cobardia dos piratas, e parece-me que qualquer d'elles pensará duas vezes antes de arriscar a vida temerariamente por comprazer a Czerny ou para servir as suas ambições. Tenha isto presente, capitão, e recorde-se que n'esta peleja jogamos a vida.

— «Pelejamos pela honra de mulheres e pela vida de homens honrados — respondeu tranquillamente o capitão Nepeen — e é quanto basta. Julgo isto sufficiente para nos dar animo e coragem n'esta lucta. Combatemos pelo que é mais nobre ao homem, a honra. Descance que nos portaremos como verdadeiros marinheiros que sabem cumprir o seu dever e não envergonham o nome do paiz a que pertencem.

«Na mesma noite, ás sete horas. — Ceámos todos juntos na grande sala do refeitório ao pé do quarto de Ruth.

«Não se pôde imaginar contraste mais extranho do que o que offerecia aquella formosa estação e o lugubre mar que passa sobre ella.

«Por uma parte viamos os rasgos de civilização, o luxo, os esplendores do mobiliario, mulheres bem vestidas, a mesa posta e ornamentada com a excellente baixella de prata, as janellas deixando vêr aquellas profundidades do mar com toda a sua vida maravilhosa e palpitante. Pela outra, as negras sombras da noite e da morte, a ameaça das lanchas, o yacht fundeado á vista e a ilha distante.

«Eramos quatorze á meza, e a conversação correu sempre alegre, como entre amigos. Nunca vi miss Ruth tão animada nem tão encantadora. O seu sorrir parecia uma musica celestial. Para cada um de nós tinha sempre uma chalaça ou uma phrase bondosa, e eu, que estava a seu lado, sabia ler nos seus olhos azulados, tudo que lhe ia no fundo d'alma.

«Algumas vezes, no meio da conversação, dizia-me uma palavra carinhosa ou apertava-me disfarçadamente a mão, exclamando:

— «Jasper, isto por força tem de acabar bem, não ha outro remedio.

«Do que se passava no mar, nenhum de nós falava nem parecia lembrar-se de tal. Os copos estavam cheios de vinho; as jovens francezas andavam em volta de nós como borboletas á roda da luz; recordávamos tempos antigos; os dias brilhantes passados no Mediterraneo; de outros mais alegres ainda, quando nas costas inglezas; as nossas casas tão distantes e as nossas esperanças que voavam lá pelo alto, mas nem uma só vez alludimos ao que se passava em torno de nós, e do que poderia succeder dentro em poucas horas.

«Segunda feira, ás onze horas. — Estive-mos duas horas no nosso posto, mas não occorreu nada extraordinario.

«Tenho commigo Clair-de-Lune junto á porta grande, e Dolly Venn e Seth Barker junto do canhão.

«A noite está tão escura que os olhos mais prespicazes nada podem distinguir, tanto no mar, como do lado de terra. A ilha de Ken parece agora uma mancha negra, n'um horizonte velado pelas nuvens. Apagámos todos as luzes da casa submarina. O rochedo não apparece agora brilhante de luz dourada debaixo do mar, nem as suas janellas jorram aureolas luminosas sobre as aguas dormentes.

«A pouca brisa que sopra é calida como a de agua a ferver. Já não pudemos distinguir o yacht de Czerny nem observar os movimentos dos botes que o circundam; mas encontramos-nos junto do abrigo das rochas e as munições estão do nosso lado, empilhadas, o canhão carregado e prompto a fazer fogo, tudo preparado, sem falarmos, pensando nas nossas esperanças e nos nossos temores.

«D'onde surgirá o perigo? Virá do meio das sombras um exercito de piratas brandindo os seus machados atacar-nos á traição? Virá bote a bote, agora por aqui, logo por ali, tentando atacar-nos pelas costas ou de flancos, fazendo-nos fogo sem sabermos d'onde vem?

«Não sei.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Agosto, 1911

Barometro. — Max. altura 768^{mm},0 em 2.
Min. » 755^{mm},3 em 22.

Termometro. — Max. altura 34[°],7 em 4.
Min. » 15[°],6 em 22.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 22 dias.

Chuva. — Nublado 9 dias.

Chuva — 47^{mm},9 em 2 dias (20 e 21). A chuva observada em 21 d'agosto, foi apenas uma unica vez excedida desde a fundação do observatorio, em agosto, no dia 25 d'agosto de 1863 (46^{mm},8).

Relampagos — Em 20.

Hygrometro — Max. 96 (21).

Min. 13 (30).

NECROLOGIA

Dolores Rentini

O Brasil, que é a tentação de muitos dos nossos artistas de teatro, tanto para a recolha de novos louros e palmas do publico que os victoria, como para equilibrarem suas finanças nos mezes que em Lisboa não trabalham, tem sido tambem um sorvedouro de vidas daquelles que, a par desses louros e palmas ali tem encontrado a morte.

A lista é já longa e, infelizmente, todos os annos mais ou menos se acrescenta.

Agora, que uma companhia de que Dolores Rentini era a estrella de primeira grandeza, perdeu no Brasil o melhor de seis artistas de que

Rentini foi a ultima dando em resultado disso! — ver-se a companhia.

Em Manaus deixou o tenor Eduardo Barreiros e o corista Damaso; no Maranhão a actriz Tina e o secretario Pires; em Pernambuco o corista Antonio Augusto e por fim Dolores Rentini.

A desditosa artista faleceu de febre amarela, no hotel Moderno, onde se achava hospedada, ás onze horas da noite de 15 de agosto. O seu cadaver foi, por medida higienica, logo conduzido para o necroterio, realisando-se o enterramento ás 7 horas da manhã.

Ao funeral assistiram todos os restantes artistas da companhia e tudo se passou sob a mais dolorosa impressão.

Pelo que dizem os jornaes de Pernambuco, o



DOLORES RENTINI

sr. Archimedes de Oliveira, prefeito da cidade, vae reservar um espaço para ajardinar em volta da sepultura da infeliz artista, e ali será colocada uma lapide com esta inscrição: *A Dolores Rentini, falecida em 15 de agosto de 1911. Saudades do povo de Recife.*

Dolores Rentini, de origem italiana, nasceu em Madrid e ali fez o seu curso de musica e canto. Veiu bastante nova para Portugal, estreitando-se no Porto como artista de canto.

A formosura e elegancia natural de que era dotada assim como a sua bela voz, tornou-a uma artista querida das plateias, mais por aquelles dotes atraentes do que propriamente por seus talentos artisticos.

Dolores Rentini sentia pouquissimo os papeis que representava, mas as plateias pouco atentavam nisso, mais atraídas pela beleza da sua voz, que era efétivamente de belo timbre, e pelo encanto do seu rosto.

No theatro Avenida estreitou-se na opera comica *Viagem á China*, em que afirmou a sua competencia para o genero. Fez parte da companhia do theatro da Trindade e tornou a voltar para o Avenida.

Escriturada por Taveira e José Ricardo foi em varias epocas ao Brasil, onde era muito festejada, e nesta epoca pela ultima vez lá foi e lá ficou sepultada.

Pobre Dolores Rentini que assim acabou sua vida de artista e tambem de venturas galantes, em que teve a sua epoca de celebridade.

O dia de festa em Cintra

A vila de Cintra, essa deliciosa estancia, cuja fama corre mundo desde que lord Byron lhe cantou as belezas, no seu celebrado poema, escolheu o dia 29 de agosto para a sua festa annual, querendo assim celebrar um nome glorioso das letras patrias e de um dos primeiros demagogos portugueses, José Maria Latino Coelho.

Esta preferencia tem seu fundamento na grande predilecção que o sabio professor e literato tinha pela vila de Cintra, onde passava sempre a estação calmosa, e onde por fim faleceu a 29 de agosto de 1891, numa modesta casa da estrada de S. Pedro para a vila de Cintra, onde ultimamen-

te se formou um largo a que puzeram o nome de *Latino Coelho*.

As festas iniciaram-se por uma alvorada no largo do Município, com musicas e salva de morteiros e foguetes.

Inaugurou-se uma exposição de pomologia, horticultura e floricultura a que concorreram muitos expositores do concelho com belos exemplares.

Houve tambem um certamen de pecuaria, em que coube o primeiro premio a duas magnificas juntas de bois apresentadas pelo sr. Diniz Gomes.

Pelas tres horas é que se formou o cortejo na Avenida Barão de Almeida Santos, composto de varias corporações da vila e de fóra, em que se encorporou o sr. dr. Bernardino Machado, e de bandas de musica e carros alegóricos.

Este cortejo dirigiu-se ao largo Latino Coelho onde está a casa em que faleceu o grande homem de letras e democrata, e ali se descerrou uma lapide que fóra colocada na dita casa, com a seguinte inscrição:

José Maria Latino Coelho, sabio e patriota illustre. Foi mestre das gerações que se lhe seguiram. Nasceu em Lisboa a 29 de novembro de 1825 e faleceu nesta casa, em 29 de agosto de 1891. Homenagem do povo do concelho de Cintra, no vigésimo anniversario da sua morte, 29 de agosto de 1911.

A lapide foi descerrada pelo sr. dr. Bernardino Machado, ministro dos estrangeiros, que pronunciou uma bela allocução, discursando tambem os srs. Antonio Cunha membro da comissão de homenagem, Sá Paredes membro da municipalidade, Ladislau Batalha e Maximiliano de Azevedo, que foi por muitos annos secretario de Latino Coelho, na *História da Guerra Peninsular* de que se publicaram alguns volumes, mas que



FESTAS EM CINTRA — O CORTEJO EM HOMENAGEM Á MEMORIA DE LATINO COELHO



FESTAS EM MONTEMÓR-O-NOVO — O CASTELO
(Cliché do sr. Luciano d'Oliveira)

infelizmente não chegou a concluir, surpreendido o seu autor prematuramente pela morte.

Assim se honrou a vila de Cintra honrando a memoria de Latino Coelho.



MONTEMÓR-O-NOVO

É uma das mais antiquissimas vilas do Alentejo, supondo-se que ella fosse a *Costrum Malianum* dos romanos. As primeiras noticias que se encontram desta vila são do anno de 93 da era cristã.

Tem sua historia gloriosa nas guerras que se fizeram para firmar a monarquia portugueza como para defender a independencia da patria.

O seu castello é dos mais celebres do pais. Fundado por D. Sancho I, foi reedificado, em 1310, por D. Diniz, que lhe construiu a cerca de muralhas.

Por vezes se reuniram côrtes em Montemor-o-Novo em tempo de D. João II e de D. Manuel, chegando este monarca a residir ali por algum tempo, em 1495, fugindo á peste que grassava em Lisboa.

Orgulha-se com justo desvanecimento Montemor-o-Novo, de ali ter residido D. Vasco da Gama antes da sua partida para o descobrimento da India.

Montemor-o-Novo é solar de nobres familias, alguns que o tempo derruiu e outros que ainda se conservam para memoria.

Os montemorenses foram sempre muito patriotas, pugnando pela independencia e liberdade da patria.

Celebraram agora o seu dia de festa da Republica com festejos publicos, que ficarão memoraveis nesta antiquissima vila de Portugal.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Contos e Digressões

FOR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 324 paginas, profundamente illustrado com desenhos de A. Banalho e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartanagem em relevo, ouro e cores, completa novidade, preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA

Vierling & C.^a

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons,
Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

CONTRA A TOSSE

LAPOE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosse e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.^a, Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. É de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA
Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis